

Espinhos no Bosque Sagrado

de Eliude Alves Santos (2019)

Jnterpretações. É disso que vivem as religiões hoje: de interpretações de textos escritos há séculos sobre a vida de pessoas que já não existiam mais e não deram aval sobre o que estava sendo redigido. Textos estes que foram revisados ao longo do tempo para se “adequar” ao poder vigente. Um telefone sem fio cheio de intenções!

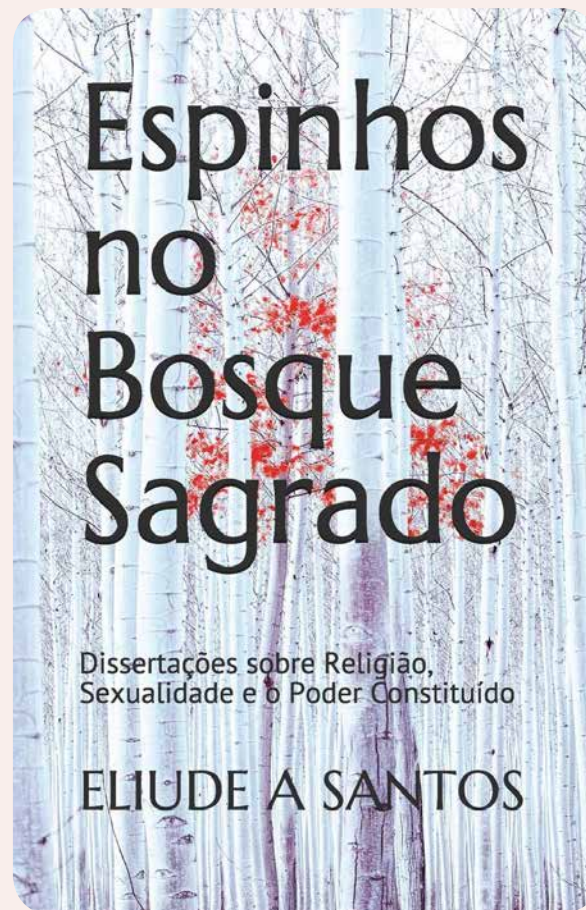
Cada religião / interpretação vem se colocando como oposição à outra, o que, além de ter causado inúmeras guerras descabidas e mortes de inocentes ao longo da história da humanidade, mantém a fé cega e as mentes fechadas.

Aí você deve estar se perguntando “ok, mas o que isso tem a ver com a Falo?”

Bom, ao longo dessas treze edições você já deve ter visto o quanto a religião interferiu na produção artística e na representação do corpo masculino (leia o texto sobre a “castração católica” na sexta edição só pra você ter uma ideia). Portanto, é difícil separar esses dois assuntos. Então, achei seminal trazer esse livro pra vocês. Porém, preparem-se: **Espinhos no Bosque Sagrado é uma porrada!**

O autor costuma traduzir textos clássicos originais, ou seja, direto da fonte. Mostra as variações de termos e como foi a evolução (manipulada) das traduções a partir do idioma de origem do texto. É aí que o queixo cai. É aí que esse livro vira um divisor de águas... SE você tiver a mente aberta para questionar sua fé e os dogmas seculares.

No capítulo “Expectativa e Culpa”, Eliude fala dos fatores que levaram à expulsão de Adão e Eva do Paraíso, apresentando o fruto e a serpente como um paradoxo criado por Deus: torna-se inevitável. A leitura nos leva a pensar se somos cegos e obedientes como Adão ou ponderados



Capa do livro à venda na Amazon.

como a tão injustiçada Eva. Descobrimos a carga sexual que esse mito carrega e o quão vil foram aqueles que envergonharam a nudez quando nem Deus tinha problema com isso. O autor deixa bem claro que não é a vestimenta que tem valor moral, mas sim o contexto, a interpretação e o que escolhemos fazer diante dela.

Note que o conceito da roupa para cobrir a nudez não teve origem divina. Os Deuses já visitavam Adão e Eva no jardim, e não se incomodavam com sua nudez. Na verdade, Yahweh se incomodou, justamente por vê-os vestidos. Por isso, procurando um culpado para aquele comportamento inusitado, perguntou, “Quem disse que você estava nu?” (Gênesis 3:11)

Adão, possivelmente excitado, por causa do sangue novo correndo em suas veias, cobriu sua nudez envergonhado, cheio de culpa diante da transgressão que cometera. Seu ímpeto moralista era um último grito de presunção, que ganhou ares de hipocrisia quando apontou para Eva, dizendo que

a culpa era toda dela. Desde então, poucas foram as sociedades que aprenderam a olhar para a nudez sem a visão distorcida da falsa moralidade.

Eliude também derruba o mito de que Sodoma e Gomorra teriam sido destruídas por causa de homossexualidade somente com a apresentação de versículos, sem precisar de grandes traduções ou interpretações. No capítulo “Ganância e Desigualdade”, ficamos definitivamente chocados (se já não estivermos até chegar nele) com o tanto de manipulação histórica que altera nossas percepções atuais. Vejam: os termos “sodomia” e “sodomita” são utilizados até hoje para definir a orientação sexual quando, na verdade, o significado é outro! Tipo... você entenderá que **o Brasil é a Sodoma contemporânea** e longe de ser por causa da quantidade de gays.

Não vou me alongar para não dar mais spoiler de um livro que precisa ser lido pra ontem. Permitam-se questionar a origem da fé de vocês. **8=D**



Sodoma e Gomorra em chamas, óleo sobre tela de Jacob de Wet II (1680).